

Feminicídios deixaram 82 crianças e adolescentes órfãos no Estado

Feminicídios deixam 82 órfãos no RS

Número corresponde a crianças e adolescentes que perderam suas mães assassinadas no contexto da violência doméstica

LETICIA MENDES

leticia.mendes@diariogaucha.com.br

Em setembro passado, um caso brutal chocou São Jorge, município de 2,9 mil habitantes na serra gaúcha. Uma mulher de 36 anos e seus pais, já idosos, foram assassinados a tiros pelo ex-marido dela. Logo após o crime, o homem cometeu suicídio. A filha do casal, de quatro anos, estava na casa.

A menina faz parte de um grupo de 82 crianças e adolescentes que ficaram órfãos no ano passado em razão de casos de feminicídio no Rio Grande do Sul. Os dados integram o Mapa dos Feminicídios, produzido pela Divisão de Proteção e Atendimento à Mulher (Dipam) da Polícia Civil.

O levantamento mostra que das 87 vítimas de feminicídio no ano passado no Estado, 64, ou seja, 73,5%, eram mães. Dessas, 32 tinham filhos com os próprios autores dos assassinatos. Essa série de crimes fez com que 137 pessoas perdessem suas mães no RS.

Em 2022, quando 106 mulheres foram vítimas de feminicídio, esse número era ainda maior. Foram 219 filhos que perderam as mães, dentre eles, 95 crianças e adolescentes.

– Esse é um dos piores dados que há no Mapa. Não existem políticas públicas eficazes relacionadas ao tratamento dessas crianças, para que não se tornem vítimas ou perpetradores da violência. É um dado muito preocupante – analisa a diretora da Dipam, delegada Cristiane Ramos.

– Há casos de feminicídios na frente das crianças. Não tem como isso não causar um impacto absolutamente negativo na vida dessas crianças e adolescentes. Atendimento psicológico e psiquiátrico é o básico que uma criança que passa por isso precisa ter. Essas crianças precisariam receber

“

Esse é um dos piores dados que há no Mapa. Não existem políticas públicas eficazes relacionadas ao tratamento dessas crianças, para que não se tornem vítimas ou perpetradores da violência.

CRISTIANE RAMOS
Delegada de Polícia

atendimento mais célere. Além de haver uma busca ativa da rede, caso as famílias não busquem o atendimento – completa.

Sete feminicídios registrados no ano passado foram cometidos na frente de crianças e adolescentes. A maior preocupação é com o futuro desses menores, que passam pelo trauma e deixam de contar com a proteção da mãe.

Barbárie

No crime de São Jorge, o casal estava separado havia cerca de um ano, após episódios de violência doméstica. No entanto, o homem teria continuado a perseguir a mulher.

Durante a madrugada, o autor ligou para o padrinho da filha e pediu que ele fosse até a residência dos ex-sogros buscar a criança, única sobrevivente dentro da casa.

– Eu cheguei e ele (o autor) falou comigo pela janela do porão. Depois, abriu a porta da garagem, a bebê veio caminhando até mim e ele fechou a porta. Eu perguntei se estava tudo bem e ela disse: “O papai disse que o vó e a vó estão morando no céu e a mamãe está chorando”. Fiquei em choque – descreveu na época o padrinho, que acionou a Brigada Militar.

Os PMS localizaram os corpos das vítimas no andar superior da casa e o do autor no porão.

Desamparo emocional

Segundo a promotora de Justiça Ivana Battaglin, do Centro de Apoio Operacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher, uma das medidas adotadas é a alteração da guarda, que costuma ser repassada a algum familiar que possa acolher a criança. Quando isso não é possível, em alguns casos, os filhos precisam ser enviados para abrigos.

– O sistema de Justiça vai tomar providência em relação a essas

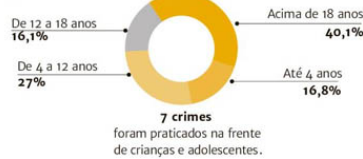
crianças. Mas muitas vezes elas ficam desamparadas emocionalmente. Na nossa sociedade, cabe às mulheres o papel de cuidado. Não só com as crianças, mas com idosos e outras pessoas da família. Quando as mulheres morrem, elas (as crianças) ficam desamparadas. Isso destrói completamente a família inteira. Se o pai é o assassino, essa criança fica sem pai e sem mãe. Ou ele é preso ou tira a própria vida – afirma a promotora.

Os dados

Das 87 vítimas, 64 eram mães e 32 tinham filhos com o próprio autor do feminicídio.

137 filhos perderam a mãe. Desses, 82 são crianças e adolescentes. 8 filhos perderam pai e mãe.

PERFIL DOS FILHOS



Fonte: Divisão de Proteção e Atendimento à Mulher (Dipam) da Polícia Civil

Atenção aos sinais de alerta

Entre os filhos, oito, além de perderem a mãe, ficaram órfãos de pai, já que os autores – assim como no caso de São Jorge – tiraram a própria vida após o crime. Um dos fatores de alerta para casos de violência doméstica é saber se o agressor já ameaçou se suicidar. Isso pode ser constatado por meio do formulário de risco preenchido pela vítima no momento de registrar a ocorrência.

– Um homem que está com ideias suicidas não tem nada a perder. Antes de se matar, ele mata ela. Esses homens são socializados de uma forma que eles não podem em nenhuma hipótese perder seu objeto de estimação, que eles matam. Não suportam a ideia de que a mulher não quer mais – diz a promotora Ivana Battaglin.

Outro aspecto que costuma ser de alto risco é o momento em que o homem percebe que perdeu o controle sobre a mulher. Isso ocorre em muitos casos quando ela decide se separar ou ingressa num novo relacionamento.

– Ele se sente proprietário dessa mulher, e então ele percebe que perdeu o controle que tinha sobre ela – diz delegada Cristiane Ramos.

Separação

Um dos casos que despertou atenção em janeiro foi o assassinato da personal trainer Débora Michels Rodrigues da Silva, 30 anos, em Montenegro, no Vale do Caí. Ela teve o corpo abandonado na calçada na frente da casa dos pais dela, em Montenegro, no Vale do Caí.

O companheiro, de quem Débora estava se separando, confessou o crime e foi preso. A mulher foi morta um dia antes de se mudar do lugar onde vivia com o homem para um apartamento que havia alugado.

Uma série de outros comportamentos do agressor são analisados pela polícia no momento em que a mulher procura ajuda, dentre eles, o descumprimento da medida protetiva (veja mais abaixo).

Fatores de risco

Cada caso de violência doméstica conta com suas peculiaridades, mas alguns comportamentos e características são apontados como de risco alto para feminicídio. Confira alguns deles:

• Quando o homem persegue a mulher reiteradamente, seja pela internet, ou presencialmente, indo atrás dela no trabalho, por exemplo.

- Quando o agressor faz uso de drogas e álcool.
- Se, durante as agressões, a vítima é estrangulada ou enforcada.
- Se o agressor tem acesso a armas de fogo.
- Quando o agressor ameaça se matar.
- Quando o autor descumpra as medidas protetivas.

Panorama

• O Mapa dos Feminicídios mostrou que houve redução de 21% nesse crime no ano passado, mas que a maior parte das mulheres foi assassinada sem ter conseguido pedir ajuda.

• Das 87 vítimas, 57,5% não tinham ocorrência contra o autor do crime e 82% não tinham medida protetiva vigente.

• A maior parte dos crimes aconteceu no interior do Estado. O consenso é de que quanto menos articulada a rede de proteção estiver, menos condições a mulher tem de acessá-la.

– A gente precisa melhorar a articulação da rede. A busca dessas mulheres, daquelas que não conseguem denunciar. Como sociedade, precisamos que isso aconteça enquanto elas ainda estão vivas – afirma a delegada Cristiane Ramos, diretora do Dipam.

– A maioria morre sem nenhum tipo de atendimento da rede. E essas mulheres não morrem no primeiro ato de violência, e sim no final de uma cadeia de violências, que precisa cessar enquanto elas estão vivas. Precisamos de atuação junto às escolas para que as crianças e adolescentes saibam que relacionamento abusivo não tem de ser tolerado, mas tem de ter qualificação da rede de atendimento, para que as mulheres se sintam confiantes para denunciar – complementa.

• Em Porto Alegre, no ano passado houve redução nos casos de feminicídios, de 12 em 2022 para três em 2023. Medidas como melhoria no atendimento às vítimas e implantação do programa de monitoramento de agressores com uso de tornozeleira são apontadas como importantes para essa queda na Capital.

• A polícia orienta que, se a mulher estiver sofrendo violência psicológica, moral ou mesmo física, deve buscar ajuda imediatamente junto aos centros de referência da mulher ou à polícia. Na internet, é possível acessar a Delegacia Online da Mulher. Quem souber de alguma mulher que está sofrendo violência doméstica, também deve avisar a polícia.

GZH

Onde há auxílio para mulheres vítimas de violência: gzh.rs/busqueajuda

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Página: 27